

determinado tempo, sugerindo até que o PNB podia “muito bem servir para esconder as mazelas de uma sociedade”.<sup>8</sup> Esta expressão parece calhar bem ao caso brasileiro.

A recusa à aceitação dos altos índices do PNB como reveladores de desenvolvimento, aliás, foi colocada cedo e apenas tem crescido e se alastrado. Já em 1971, com os dados do censo de 1970, um economista brasileiro, Jaime Magrassi de Sá, dizia que, no Brasil, “o pauperismo está se generalizando”, “a pobreza aumentando”, “os desequilíbrios de renda se agravando e tendendo a se agravarem ainda mais”.<sup>9</sup> Em fins de 1971, o *Washington Post* discutia a situação econômica brasileira, assinalando que, enquanto, em 1960, 80% dos brasileiros receberam 35% do PNB, somente receberam 27,5% deste, em 1970; por contraste, enquanto 5% dos brasileiros receberam, em 1960, 44% do PNB, já haviam recebido 50% deste, em 1970. Isto importava em constatar que 80% dos brasileiros haviam ficado mais pobres, enquanto 5% haviam ficado mais ricos. No primeiro semestre de 1972, a ONU decidiu não aceitar como válidas as estatísticas econômicas brasileiras; a FAO impugnava o índice de 12% de crescimento da produção agrícola do país, conforme aquelas estatísticas apregoavam, admitindo-o como limitado a apenas 3%. No final de 1971, o Ministério da Fazenda divulgava como sendo de 18,3% a taxa de inflação nesse ano; a Fundação Getúlio Vargas concluía que aquela taxa se elevava a 23,6%; alta autoridade, em discurso, mencionava a taxa de 20%. Qual delas seria a verdadeira? Provavelmente nenhuma, pois é sabido que existe uma taxa de inflação oficial, no Brasil, e uma taxa real, e que esta regula no dobro daquela.

No primeiro semestre de 1972, em reunião da UNCTAD, realizada em Santiago do Chile, o presidente do BIRD, Robert McNamara, discutiu a situação econômica brasileira, sustentando que não se devia confundir PNB com desenvolvimento, pois este só poderia ser aceito quando correspondesse à melhoria do bem-estar geral, quando 40% da população brasileira empobrecera 8%, em 1969, enquanto 5% da população, sua parte mais rica, enriquecera 30%, no último decênio, ao mesmo tempo que os trabalhadores haviam ficado marginalizados.<sup>10</sup> Pouco depois, em Lima, especialista norte-americano em assuntos brasileiros, Alfred

<sup>8</sup> “Produto Nacional nem sempre mostra a realidade”, in *Correio da Manhã*, Rio, 12 de julho de 1970.

<sup>9</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio, 9 de dezembro de 1971.

<sup>10</sup> *Jornal do Brasil*, Rio, 10 de junho de 1972.